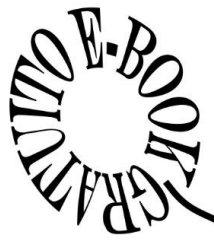
Sammis Reachers

Primeiressências

Sammis Reachers

Primeiressências

Poesia



Primeiressências

©Sammis Reachers, 2025

Textos, notícias, livros e *e-books* (a maioria, gratuitos) do autor:

www.linktr.ee/sreachers

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reachers, Sammis
Primeiressências / Sammis Reachers. --
São Gonçalo, RJ : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-43727-9

1. Poesia brasileira I. Título.

25-267414 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

ISBN nº 978-65-01-43727-9

Sumário

Prefácio 8

PRIMEIRESSÊNCIAS

Na morte em que fui Manoel Bandeira 11

Rio Bonito 12

Um quase koan 13

Sororidade 14

O poeta, esse "figura" da linguagem 15

A Ordem 17

True colors 18

Lantejoula 19

A semana ardeu. Sextou no terreiro extremista: 20

Pêssego 21

Caqui 22

Melancia 23

Jabuticaba 24

Banana 25

Mamão 26

Reinações 27

(Impossibil)Idade 28

Despedaçados às portas do Sol 29

Um complemento ao poema anterior 32

Não é um poema sobre gêneros 33

Os lírios de Kierkegaard 34
Esperançar é estender uma tenda para o amanhecer 34
Sem Nunca Ter Aberto os Olhos 37
Haicais e sua falsificação 40
Nêmesis 43
Mare Totum 44
Discipulado 45
Αγάπη (Agápi) 46
Gênesis 47
Kafka 49
Zero a zero 50
nalgumas vezes 51
Divorciados 52
Repartição 53
202x 54
Athanasius contra mundum 55
Alandra 56
Scholar 57
Adverbários 58
Da borda 58

O OFÍCIO E A META

Transessências 62
Paz para praticar meu perenal ofício 66
No que sou, o que sou? 67
mandibular 68

Escritor 69
(C)EGOS 70
Funcionalismo e Fisiologia 71
Um abraço que ampare o poeta marginal 72
poema é poeta após aventurado 73
Slam 74
Aldra via 75

A MISSÃO

Nos corres de Calebe, o rapaz do café 77
Gólgota 78
Dia do Senhor, dia de milagres 79
Descalços 80
Ambrósio de Pádua, o Cão 81
Louvores 82
Numa esquina, ekklesia 84
Parusia 86
Parusia II 88
A Missão 89
A integralidade da missão 90
Mártir 91
Num Dia Eterno 92
Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino 94
XXI: Missões Urbanas 96
Teólogos 97
Oração 98

O argumento redentorista 99

Calêndula 100

O Monte de Várzea 101

A escuridão ruge – e ruge de temor 102

Frutos do Espírito 103

Sociedade Anônima 107

O MENINO

Fliperama 109

Doze Anos 110

Treze Anos 111

Quartinho de Ferramentas 112

Ser homem não sabe o cão 112

Ser homem é considerar a maciez de toda carne humana, mas isso não se confessa 112

EXPERIESSÊNCIAS

Abuse do abuso 112

Câmbio 112

Não coube 112

Mar 112

Um veneno 112

Um quase koan 112

Gangântua hermética 112

[SIC] 112

O Deus da paz 112

Horizontodontes 112

DO AMOR

Asal 130

Aleteia 131

Em seus amassos 132

Permanência 133

A esperança que amo 134

Fairy Tail 135

Hiatitude 136

Índigos 137

Meu amor é o curso de um rio 138

No Dia Mundial dos Gatos 139

Solaris 140

Autor 141

Prefácio

O verso força e aplaina seu caminho, escolhe seu momento, gerencia seu parto. Se nunca disseram, vai aqui: um poema não precisa de ninguém, malgrado a vaidade passional de seus fantoches. Bem, pelo menos desta espécie são os versos que formam este Primeiressências.

Meu livro anterior, Cartas e Retornos, nasceu num momento convulso, em pandemia, mas seguindo um projeto editorial de certa forma linear, fincado a eixos temáticos que lhe direcionaram ou estabilizaram o voo, sem limitá-lo, facultando até um maior alcance.

Primeiressências é como uma feira de domingo, com bananas e morangos, grãos e temperos, miúdos de porco e roupas de crochê.

Dividi a obra em certas seções: *O Ofício e a Meta*, com metapoemas e versos sobre a condição de estar poeta ou escriba, essa miséria luminosa; *Primeiressências*, a feirinha de totens e sintagmas; *Menino*, com versos de maior nostalgia ou

biografados; *A Missão*, com poemas iluminados pela alegria de Cristo; *Do Amor*, com textos *espontâneos* sobre ele, seguindo uma linha iniciada em meu livro *Poemas de Amor em Trânsito*. Por fim, *Experiessências*, com alguns poemas visuais e pseudo-concretos.

No mais, este é só mais um livro de poemas, que podem cuidar de si mesmos.

PRIMEIRESSÊNCIAS

Na morte em que fui Manoel Bandeira

Brincando de cabra-cega
Nas ruas de Tróia
Expus meu coração à intempérie:

Sakura solar, nênia de plástico,
Lótus anárquica
Encontrei-a e a perdi
Num (p)único mês

Que outro (re)curso contra aquele lábio,
Aquele olhar eluardiano?

Meu pétreo ódio pela poesia
Essa maldição dos tísicos
Ei-lo no pódio-coração litografado:
Tatuagem interna, Tebas de Anfíon,
Chuva de flechas, Heitor despedaçado.[1]

[1] Este poema recebeu menção honrosa no Primeiro Festival de Poesia de Betim/MG (2022).

Rio Bonito

A vida, inclemente, flui compromissada
E calma, o poeta e o demônio em seu bojo.

Num repente, numa das curvas do pequeno centro
Um casarão antigo, um quintal fundeado:

Era a Melancolia me roubando um beijo.

Um quase koan

mos o àres lauQ

osir mu ed

ʔsèver oa odir

Sororidade

Roubou coragem do livro santo,
da mocinha da novela

Fugiu daquela casa, daquele cara
sem mala sem mochila

Só uma sacola de supermercado
cheia de segundas chances [2]

[2] Este poema foi um dos selecionados no XXV Prêmio Cidadão de Poesia (2023), promovido pela Casa do Poeta Caio Fernando Abreu, de Santiago/RS, para compor a antologia com os vencedores.

O poeta, esse “figura” da linguagem

Já nasce **metáfora**: nem é homem, é bruma

Detesta **comparação**: sua carne é tal como purpurina

Casa **antíteses**, juiz de paz de terra e céu

Dispara **metonímias** lendo Drummond e Gullar

Mata **catacreses** ao dar nome ao que não o tem:

Braço de sofá vira *espuvelo*, assim, na caraça

Celebra **paradoxos**, esses desconstrutores criativos:

Como encher de vazio um balão vazio?

Faz tudo dialogar em **prosopopeias**, a caneta chora, o chapéu gargalha

É bicho todo trabalhado na **sinestesia**: degusta a paisagem, ouve seus aromas

Rima o interno dos versos em **aliteração**

É um babaquara da **assonância**, um papa-vatapá

Desafios opera o poeta em **hipérbatos**

Faz rir nas **onomatopeias**, feito garnizé cocoricó

Desce pra baixo do mar molhado em seu submarino, o **pleonasmo**

É **polissíndeto**: É alegre e loquaz e terno e carmim

Mas tem lá seus momentos **assíndetos**: solitário, introvertido, fujão

Viaja em **anáforas**: se eu voasse, se eu pudesse, se eu sonhasse, se...

“Quero morrer de tanto versejar”, vocifera, **hiperbólico**

“Ou bater as botas de mui cantar”, solfeja em **eufemismo** e **preciosismo**

Dias tem em que escreve com a delicadeza de uma mula (opa, contém **ironia**!)

Outros em que olha a vida pela janela e solta um lacônico “Que tédio!” em **apóstrofe**

Nesse jogo de encanta e cansa, o poeta nos diverte com sua graça, humano que é, esse figuraça...[3]

[3] Este poema obteve o segundo lugar nacional no Concurso Paulo Setúbal de Literatura, promovido pela Prefeitura de Tatuí/SP (2024). Obteve ainda, no mesmo ano, menção honrosa no 47º Concurso Literário Felippe D’Oliveira, este uma iniciativa da Prefeitura de Santa Maria/RS.

A Ordem

Seja forte, não importa quantas vezes o caos

Sustenha a alegria, não importa

Vezes quantas o caos

Compartilhe e ampare com a sua coragem,

Não importa quantas vezes o caos

True colors

Dizia seus dias por demais azuliguais:
ela queria coisas verdesplêndidas,
rosardentes, vermelhorgíacas!

Dia veio em que beijou
os três guris, cada qual da cor dum pai
e amarelescapou-se:
laranjandou até o fim do arco-íris.

Deu-se aos doendes, musa aquarelada
mas seu pote d'ouro era desdita:
ferida foi duma brancopatia
– a cocaína e seu carrossel furta-cor –
e sozinha finou na cinzestagnação do pó,
corconsumação que audaz buscava.

Lantejoula

A menina, ainda em seus quatorze anos,
anotava o nome dos que não a notavam.
Nem era ninguém, mocinha ainda,
e já tecia galáxias em seu coração de fiandeira.

A semana ardeu. Sextou no terreiro extremista:

O colo de uma boa esposa,

a graça de um bom Deus.

Pêssego

Tua penugem, teu esse tal descalabro
De deitar urticária nas sanhas
Teus pelos friccionando-se contra
Os papilos das línguas...
Ah! Mamilo rubicundo, cona aurirrubra,
Sonho fibroso encapando
Um coração ou cerebelo de ferro

Langor umidificado
Que presto escorre, raio de sumo
Ao ver-se contrito, entre dentes
Realizado

Oasis de olor, fruta de cheiro
De apaixonar um mundo inteiro

Caqui

Pomo de outono
Dulçor em revolução
Fruto proibido do mandarim
Pelo mundo em lusas naus
Disseminado

Coisa de explodir contra o dentro das bocas
Ente todo-fruta, carcaça de mel
Beijo tenro, rublo rio
Cio, cicio, vício paradisíaco

Melancia

Oásis de colo, Vênus Hotentote
Vermelha de frescor e mansuetude
Debeladora da mornidão tropicana

– Planetóide elipsóide açucarândido –

Caravela fráctil, africana superlatividade
Céu da suma textura, fragrância solar
Esparramada cápsula da felicidade

Jabuticaba

Pupilas negras da Terra
Afixadas ao tronco ou Via Láctea
Pupilas, papoulas, pupilopapoulas
Pretas melífluas
Entorpecentes, expansivas
Que segredam luz doce
De seu seio tropical

A mordida
deflagra
a detonação,
Contrito cataclisma
Ebúrnea e melânica,
Noite e dia e negra estrela
Cujo asterismo, cujos padrões
Formam no céu saciedades

Banana

Jangada de Jah, canoa da global aldeia,
Candeia em cachos, candelária, petardo
Mousse de potássio

Catalisadora fulva,
Serpente dourada,
Louraça pressurosa
Ponte amarela
Das praticidades

Deusa peralta,
Meia lua fálica da Indochina
Casamata das tortas e balas,
Bolos e compotas, cortesã
De pronto despida e devorada
Nua ou revestida de canela,
Nevada de canduras

Em Nova Iorque e no Cairo,
Em Oslo ou na Curitiba do vampiro
Banana é a munição do mundo

Mamão

Malemolência
Saia rodada mexicana
Em derredor da torre
De oração, de folhas
Espalmadas dando graças

Mel quente cor de *naranja*
Aeroabóbora,
Abaloado pomo de Quetzalcoatl
Aquaviário bojudo duto
Onde poisar as colheres

Deito no quintal no fundo
Tuas sementes adstringentes
E em nove meses tropicais
Mergulho em ti, bacia
Plena, botijão de nirvana,
Cabaça de inconfundível
& suave dissolvição

Reinações

Era outubro, mês revel, mas um outubro setembrino,
com seu ar veloz, feliz

Obriguei-me, numa quina de rua
ao simulacro ou pretensão de liberdade de um poema

Um poema!, veja você
obriguei-me a um poema
ao invés de deitar-me no chão ou seguir minha vida

(Impossibil)Idade

Não ou não mais sabia quando iniciara em fluxo.
Buscava o autoconhecimento
Ou sua memória, pernas e lombo:
A perfeita compreensão do passado,
Presente e futuro.

Ele, o Tempo, foi ter com a Completude
(Nomeada, por certos povos barbarescos,
Como Eternidade).
Quis saber de si.

“Quando você morrer”, respondeu a deusa.

Despedaçados às portas do Sol

Mas quase conseguimos.

Algures, quase Tróia, a de altivos muros, nos foi presa,
Dantes de mirmidões e o altivo filho da deusa a tomarem
Vencidos que fomos pela distância de um tiro de lança

Os oitocentos principais papiros que numa liburna
Escapariam de Alexandria, incendiada pelo
Demônio César, nós quase os tiramos do porto
Mas uma flecha incendiária antecipou-se
Enquanto estendíamos as velas

Sim, quase conseguimos.

O último navio da flotilha de Magalhães o Fernão,
O da circunavegação do orbe, quase embarcamos,
Impedidos no porto por um contratempo,
O saldar de uma dívida de bar e irreverência

No poente daquele um domingo santo ou a extensa
Noite de São Bartolomeu, em exaustos cavalos chegamos
Sobre poças do sangue que fora de nossas crianças
Trinta e dois minutos após o massacre
Aquele que quase impedimos

A escaramuça para libertar Rigas Feraios,
Pai da Revolução Grega, fomos descobertos
E traídos nas ruas de Belgrado, enquanto o
Estrangulamento e o Danúbio colhiam nosso pai

Em Boyacá, quando à corja espanhola moeu Bolívar,
Nós quase chegamos a tempo
Após doze dias de selva e sangria
De somar nossos braços à partida e à vitória

Combalidos, tisnados pelo frio e a torrente
de chumbo teuto às portas do Reichstag,
Aqueles que lhe arvoraram a bandeira vermelha
Quase coube, aos que sobramos de nós, a honra
Mas houve um pelotão antes no nosso

Sim, quase conseguimos.

Morremos antes, no eterno retorno da batalha a primeira:
No salão da Asgard dos Aesir, o golpe que desfaria
Pela quarta vez a bruxa Gullveig dos Vanir (a dourada),
Viria de nossa espada, mas antes dela
Veio Surtur e a quarta das guerras e o quarto fim,
E na ordem nova (o quinto ou septuagésimo de infinitos ciclos)
Não nos havia espaço, despedaçados
E às nossas espadas às portas do Sol,
Remadores das galés dos ciclos e o seu ciclo.

Despedaçados, sim, às portas do Sol.

Mas nós, os poetas e os covardes, quase conseguimos.

Um complemento ao poema anterior

E Tempo, espachim sem uma espada
O que a todos estoca e vaza
Nos reergueu, como à sua bruxa dourada e ao seu Sol,
Reengrenando-nos em seu ciclo de sangue,
Nomeando-nos “meus derrotados”

Até que um dos hebreus, alheio aos vapores
Do tempo-o-seu-cão-fugidio,
Nos venha, naquela cruz pontífice,
Desvencilhar dos jogos de sua besta.

Não é um poema sobre gêneros

o Ódio é um país
limitado a Norte, Sul,
Leste e Oeste
pelo Ódio.

o Amor é cisfronteira:
um pé na porta, uma flor na lapela
um disparate uma parteira
nascido
um minuto antes de nascer o Universo

Os lírios de Kierkegaard

Tu, ex-refém da urgência competitiva
cujas células agora se esparramam sem controle
deserda os leitos e jardins cuidados e restritos
vai às flores do campo,
abandonadas na rusticidade,
virgens de mãos de jardineiro

Funda teu acampamento e observa-as,
a sol e chuva, a suportarem o tempo em cumplicidade
vá, citadino, até que a luz
tenha parto e teus olhos tenham cura,
e possas entender – a tempo, isso
que a todo tempo finda –
que elas têm um Jardineiro
feito de sempres e de serenidades

Entrega, enfim, teus dias em Suas mãos,
e furta irmandade às flores
e à eternidade

Esperançar é estender uma tenda para o amanhecer

No broto que arrebenta do tronco decepado

Da goiabeira

Contra a expectativa de morte pelo machado

Esperança esperança esperança

Nas frases de lamúria e autoafirmação

Nas terapias nos tijolos riscados das celas

Esperança

No cão que arfa no escuro na beira da estrada

Após ter sido atropelado

Esperança

Naquele que voa ao ser atingido pela onda de choque

De um míssil russo ou americano, em vias de perder

Os sentidos, a vida

Esperança

No fundo do copo desta cerveja barata em que me afogo
Em jogo luxúria alucinação e sua parafernália
medicamentosa
Esperança

Satanás baila em ódio trino, pois ao fim de tudo que ele
tenta contra os homens
Há um resquício, uma semente uma coisinha um
negocinho
Um vírus cavalo-de-troia inoculado pelo Cordeiro-da-cruz
Imatável feito o Cordeiro
Que foi morto e reviveu

Esperança
Esperança
Esperança
Esperança
Esperança

Sem Nunca Ter Aberto os Olhos

Envenenado enquanto sorria
Para a luz que atravessava
Os tecidos do ventre
Broto de bambu queimado
Para que sobreviva a floresta de incendiários
Queimado enquanto vive a floresta pragmática

Tua mão, tão pequena,
Botão de uma rosa silvestre
Ninguém a segurou, não foi?
Somos oito bilhões e
Ninguém de nós segurou
A tua mão enquanto você despencava

Na noite mais escura
Dessas que tantas acometem
As almas dos homens
Alguém imaginará
O que você poderia ter sido

Que caminhos e abraços você fluiria

E o filme se repetirá
Nas noites mais escuras
Dessas que tantas acometem
As almas das mães
que desistiram

E será tarde demais
E a pessoa dormirá e acordará
Com este edredom, "tarde demais."
Tarde demais,
Tarde, muito tarde
(Pois quando apagamos uma estrela
Tudo o que resta é a escuridão)

Teus olhos nunca chegaram a se abrir
O Universo, esse jardim de
Incredibilidades fulgurantes
Esse jardim que seria teu como é meu
Você nunca o viu

Ente guardado num ente
Apunhalado num ente,
Ente descartado, promessa
Abortada
Sem nunca ter aberto os olhos

Nos perdoe a loucura, o mar o oceano
De loucuras
Que levaram até teu fim,
– Civil a quem a civilidade
Negou civilização –
Até o assassinato de um começo
– *De nosso começo, mãe*

Haicais e sua falsificação

Na semiasa pétala
Escrita em fulgores:
Transição.

∗

Joaninha escarlatina
Des(a)prendeu-se em vendaval:
Valentina.

∗

Estante replelotada
Moinhos, caminhos demais:
Mó das almas.

Livros em cada quarto,
Cidades e seus habitantes.
(Minha) solidão movimentada.

∗

O sol quebra as urgências
Tatuís trampam n'oceano
Só se vive o dia dentro do dia.

∗

Fixos e fluxos fluem em libido
O dia é uma ideia em torno dela:
Paixão de cabotagem.

Construtos by Artificial Intelligence
Suas remixagens atrocriativas:
Ladrões de gado.

∗

Calêndulas incandescidas,
Rubrardentes de ecopotência:
Inquadraturas da infinitude.

∗

assestar
poemas:
frondejar

Nêmesis

Orfeu desce em catábase,

Odisseu navega as fúrias

Mitologemas primevos

O punho e imo e ossos do guerreiro

Sua lágrima e seu sangue, salobros

Rumo ao mar e rumo ao inferno

[Rumo ao matadouro no centro do poema]

Mare Totum

Acima de tudo o mais, o mar
É uma narrativa em aberto.

Vulva-útero sempre férteis
E uma sempre gravidez.

Discipulado

Incapazes de desvendá-lo,
o tomamos como fruição:
e é sempre o mar que nos desvenda.

Αγάπη (Agápi)

Amor, ente totipotente

Res extra-commercium

Dia poderoso e sem preço

Rigoroso como a Morte

Ou um beijo absoluto

Fragorosa

Ocupação de tudo

Gênesis

N’anteúltima das guaritas
do banheiro da firma,
às 15h40 de uma sexta

No cigarro no portão
do cemitério, antes
do arrastar do féretro
em que eu devia
ser o deitado

No cantinho da rave,
final de noite
onde a luz da lua insiste, sozinha

No sótão depósito
porão almoxarifado cisterna
da casa em que fui homem

Na gravidez psicológica no furto
na adicção no arrependimento
no tombo sobre o Cristo
que soergue os que se lançam:

Virótica, a poesia procria

Kafka

Naquele dia, não foi o seu castelo que desabou.

Eram aqueles tijolos, as peças do quebra-cabeça

Finalmente se encaixando.

Você nunca foi (aquelas) paredes.

Zero a zero

Ei, e aí?

Você já fez a soma

daqueles que

nunca somaram?

Não sabe a fórmula?

Decomponha

perdoe²

subtraia.

nalgumas vezes

Nadar contra a corrente
é a única forma de resistir (n)o rumo

Driblar paredes, macetar o medo:
malemolência pra salvar teu dentro

Divorciados

Quatro olhos áridos
como dois pombos
mortos com milho envenenado

Repartição

Apure os sentidos:
Nas flores do escritório há antrax
Punhais nas marmitas Stanley
Os cochichos são vômitos a seco

Só mais um dia ao léu
Do calendário civil

202x

há rachaduras no fortim do azul
cicatrizes nascidas antes do talho

já não há asas no pégaso
nem canto na sereia

a própria morte
nega seu beneplácito

Athanasius contra mundum

Há lugares onde não me permitem escrever, escrotar
Por ser branco e hétero e sabe-se lá quantos quilos
Há instâncias de interdição ao “eu só quero ajudar”
“Com colonialismo?”, arrotam, em línguas neolatinas

Há locais (alguém em meu passado os fundou)
Onde não posso, sorrisos, tribunas, editais
Por ser cristão branco e hétero, grande umbigo

Como se eu tivesse escolhido ter sido escolhido
Por Cristo, os trâmites sexuais de meu pai ou
Tomar o curso mais prático da natura. Há opção?

Alandra

Lábios pletóricos

Nímia e atroz

Pedra de cegar adagas

Scholar

Deão das mil cátedras
Magister felpo-absolutista
novas disciplinas como que
naturalmente dele exsudam,
o gato:

Engenharia do Sono
Mecânica dos Sentidos
Psicologia Quântica
Semiótica Sombria
Estilística do Ser e do Estar
em silêncios

Adverbários[4]

As maiores aventuras da Água

são contadas pelo Fogo

em noites de bebedeira

[4] De espaçados a espaçados tempos, digamos anos, chego a *sonhar* com poemas, ou frases feitas. Acordo e me esforço a anotá-los. Por vezes, consigo. Foi o caso deste texto.

Da borda

O sol nasce e seus corcéis.

Os dias explodem, fragatas sem pavio
sou sucessivamente sammis, ossos de crochê
muralhas sem borda,
quilha que desnorteia
a nau dum norte súbito

Um capotado um *flaneur* um aluado falso autista
recarregando as energias negativas
para um *meltdown*
contra toda a positividade tóxica
ou um *shutdown* que gere
ao menos um bom poema

O que me esgota não tem nome
mas é o que nega flores à primavera

Comi um livro novo, indigeri seus albores
de açúcares engenhados
evadi-me inescapável por intra Mongólias
equatotiais, Aconcáguas de chão
fustiguei a chibata dos séculos, e a espada
amendoou-se até granada:
não poderia meu estupor (*leitwort*, *leitmotiv*)
malhar-se até canção?

Olho nos olhos ruivos, rolhos uivos, uilhos lhovos
olhos ruivos crucificados no intróito,
na soleira da causa

Meu coração interdiz a meu cérebro:
acalma, mulato
e agradeça a Deus a luz não ser pedras,
chocando-se contra tudo.

O OFÍCIO E A META

Transessências

I

do que a poesia é feita:
do imponderável que habita
no instante, e no detalhe.

desse imponderável
arquitetural que erige a vida.
e além: de suas temporalidades
próprias, luminosas.

II

Poema, forma frágil de fulgurar
Actante de si,
Maelström de consumir criancinhas
Betelgeuse, estrela que explodirá

III

O sonho de um poeta é *conseguir*
ou sua aproximação

O sonho de todo poema é parir o sol

IV

Pra poema basta uma palavra,
A que rompa a rede de ecos.

V

Rima, cornija:
Mas, se não temo molhar-me?
Forma: Mercância, traficância: preprepotência

VI

A prosa, excelente cavalo
– nos estábulos;
A poesia, cavalo morto
– cujo pó, amarga púrpura,
retroalimenta os prados

VII

Prosa é cadáver ancorado no instante
a poesia é o que foge com a maré

VIII

A Prosa veste
um vestidinho de chita
a Poesia despe
um tailleur em chamas

IX

Metaincompetência³ x √dor = Poesia

X

Poesia, mistagogia
Onde cegos guiam
Os que julgam ver.

X

Poesia, fuga
perfeita

a
bordo
de
um
ônibus
vazio

XI

Poeta:

Pérolas aos porcos, posso
Vestido de pouco

Ou de contrário

XII

Poeta, poeta
É o que traz problemas
Para a língua materna.

O que quebra os espelhos das
Escolas
Com sua lancheirinha do Mickey
Parte a cabeça de ovo dos rapaces

Filho pródigo? *Niemals!*
Enteado a quem não se ama

Paz para praticar meu perenal ofício

Visto este andrajo de leão lá fora
Simulo humores em que ajo e interajo
E suores realizo, rito no qual contas quito.

Chegar em casa é meu fulcral laurel.
Revolucionário, mestre, pregador, menestrel?
Sou o que disso vai no interstício.

Sarau, academia, sodalício? Solitude almejo.
Cego, só por livros vejo: sou tatu cavoucando
Paz para praticar meu perenal ofício.

No que sou, o que sou?

Escrevo éclogas,
disparates feitos
do mijo dos anjos

Pássaro, devoro morcegos
sempre à noite,
quando são mais fortes

Crio palavras, exempli gratia:
Adjistâncias:
Distâncias adjuntas, circumciclovalentes

Selado fui fora do cofre:
Outros homens existem,
eu prolifero

Narrador que desnarra,
cacos de chão e céu estou
no que sou;
e o que sou?

mandibular

Há quem, no entretecido
Das trevas,
Logre ver a luz.

Há ainda quem,
Sequioso,
A toque.

Há mesmo quem,
Ferido de Deus,
A reflita.

E há quem a mastigue:
Este, símile dum cão,
É poeta.

Escritor

Sou frágil, a confirmar as aparências.
Insuspeita potestade, covarde ágil
Todas as circunstâncias demoras e distâncias podem me lacerar
Ao menos até o instante, nunca húmil, em que eu toque minha caneta no papel.
Então fundo um mundo num instante, enquant'outro finda,
Afogado no hiato, um segundo prestes a ser assassinado
Cuja morte suspendo, tranco-lhe as portas, acendo o forno e, na vitrola
Executo meu funk, minha sonata, meu destempero.
E tudo o mais – o que me lacera ou ignora, o mundo lá fora –
entra pra bailar ou pra morrer
Conforme a música que eu, aquele deus (como o universo saberia?) frágil fugitivo, covarde e vingativo, tocar.

(C)EGOS

— Lembra daquela princesinha, a Poesia?

Hoje é a prostituta da aldeia.

— Puff... Mas e daí, cara?

Ela sempre deu sinais.

Funcionalismo e Fisiologia

A acreditar no traficante Arthur Rimbaud,

As artes em leque e esses seus bastardozinhos, os poemas

São inspirados seja por musas, espíritos vadios e benfazejos,

Seja por demônios de pesada pisadura, ocupados

Em ocupar os homens com uma falsa bruxaria.

Orfeu, em sua descida infernal, relata diálogo (Apolion, XI, XXIV)

Entreouvido de dois diabos mal-amados:

> – Já os temos multiplicado, feito a areia do mar.
>
> Mas o que faremos dos medíocres? Fossem lenha...
>
> – Acalma, diabrete, acalma que tenho tirocínio
>
> Pra tudo. A solução serão duas, em sabor de tubaína:
>
> Antologia de cotas pagas e... sarau!
>
> – Sarau?... Sarau?! Sarau... ... Sarau!!!
>
> Iêêbaaa, diabolete! Belzebuth sustenha teu tirocínio!!!

Um abraço que ampare o poeta marginal

Um laudo uma cota
Uma bolsa um edital
Uma matrícula no diretório do partido *certo*
Uma bosta duma moção de aplausos

Uma flor áspera com que espanque
Todos esses mataluzes
Que lhe sufocam arte & sorte

poema é poeta após aventurado

o que o poeta é em potência

o poema é em ato

poeta a reticência

poema o espalhafato

Slam

Ei, mané

Não vá transformar *poiesis*

Em *tekné*[5]

[5] *Poiesis*, do grego, ação criadora, conhecimento criativo. *Tekné*, também do grego, conhecimento técnico, repetitivo.

Aldra via

palavras
me
aconteceram:
estradas
de
mim.

A MISSÃO

Nos corres de Calebe, o rapaz do café

No corre de pagar boletos
Quem ‘guenta performar?

Atarefado em varrer o chão
Ninguém salta do sexto andar

Não faz guilda com morcegos
Quem tem hora pra acordar

Nem anda só & cheio do cão
Quem tem Deus em seu lugar

Gólgota

A Morte naquela morte tomba,

desfulgurada.

Messias, a criança e o ancião do ciclo,

o preço da justiça exsuda.

A Vida, emboscando a cabeça da serpente,

remanesce.

Dia do Senhor, dia de milagres

O sol que nasce

A dália que se abre

Eu não ter sido fulminado à porta.

Descalços

Andamos nossos passos nazarenos
Numa comissão feita de restaurações
De encontro ao abraço que do alto sol
Nos aquece com seu banho morno

Somos luas nômades, vinte séculos
De cisma e audácia bordados:
Ágapes em busca de âmagos, almas
Arautos de uma missão sem centros

Nossa força nem é fé, nem esperança
Apenas, mas estarmos sempre confortáveis
No desconforto: rosas e lótus e girassóis
De amor sempre indiviso, sempre irisado.

Ambrósio de Pádua, o Cão

Entrando em seus aposentos
– um catre e um Livro –
E cerrando sobre si o ferrolho,
O principal dos pecadores
Arrancava de seu corpo as vestes,
De seus ossos as honras da missão
Antes de inclinar seus joelhos
De pó até o pó, nu sobre o abismo:

Como pano ou ilusão quaisquer
Poderiam mascarar suas misérias?

Louvores

Louvores
Irrigam
Lavores

Louvores
Liquefazem
Horrores

Louvores
Anulam
Estertores

Louvores
Palavras-flores
Ais-Condores

Louvores
Entronizam
Deus o
Trino

Louvores
Amigam
Jesus o
Menino

Louvores
Capitalizam
Espírito o
Cristalino

Louvores
Brindam

Numa esquina, ekklesia

Fundamos uma vila
Numa casa
Numa Rocha
Num beijo

Fundamos comunas onde e quando quer
Que nos toquemos,
Neoedênicos ninfos
Da recriação de tudo

Traçamos/rompemos fronteiras
Numa dança com Son,
O Juliano ou os Casting Crowns
Em nossa clareira,
Arrasta-pé dos dervixes de Cristo

Estamos e exsudamos
Uma instância toda bruma, toda
Lar

Que aviva sorrisos nas coisas
Que já não sorriam

"Sociedade dos ressuscitados"
Aerografamos no lençol que simula porta
Chamariz aos despedaçados,
Marco aos anjos visitadores

Parusia

Parusia, termo grego para um (e)vento cósmico
Parusia, palavra que expressa
A segunda e gloriosa vinda de Cristo

Você é um soldado da parusia
Um seu estivador uma costureira um executivo

Varra o chão de sua casa, igreja ou trabalho
Como um soldado da parusia

Acorde pela manhã, tome sorvete, beba café, soe oração
E deite-se à noite como um soldado da parusia

Engula as ofensas as segundas milhas a perseguição
Ministre graça, cura e liberdade
Como um soldado da parusia

Suporte a carga, avance pela frente ou pelos francos
Erga pontes cave túneis pise em paz nos esgotos

Como um soldado da parusia

Expeça o missionário hospede o Espírito e o estrangeiro
Exalte a voz e erga a sua cabeça como um soldado
Um soldado da parusia

Escreva pequenininho no seu antebraço
No seu peito no seu olho no entroncamento ou ponto exato
Onde a veia cava se liga a seu coração:

Às nações, até a última nação:
Sou um soldado da parusia

Parusia II

Incêndio nos céus
Incêndios nos corações
Incêndio nas esperas
Incêndio nos cismares
Incêndio na masmorra-conforto
Incêndio em máscaras e fantasias
Incêndio em marcos e fronteiras

Incêndio nascido em A Árvore da Vida
A que não queima,
Incêndio acendido de Águas Vivas

A Missão

Uns são de Aquino
Outros, de Calvino
Há até quem seja
De Kierkegaard

Isso até parece que importa
Mas, ao cabo, desimporta
E o que nos comporta
É a Grande Comissão:
Unirmos nossos escombros
Para acabarmos
Com o que acabou com este mundo.

Para que o outro mundo possa.

A integralidade da missão

A vereda do arauto
é um mais que
solfejar esperanças.

É enfornar, cozinhar
e transportar os tijolos
empregados na construção
crística, ou seja, comunitária
de um abraço.

Mártir

Com um adeus, um boa noite
Tentaram me afogar.

Mas eu era o mar:

Não há despedidas na eternidade.
Nem noite ou sua tentativa
Onde Cristo está.

Num Dia Eterno

Estevão foi apedrejado pelas pedras de Saulo
E, com honras e coroas de mártir e emissário
Acordou num Dia Eterno

Paulo foi decapitado pela espada de Roma
E, com honras e coroas de mártir e emissário
Assomou num Dia Eterno

Tomé foi atravessado pelas lanças dos indianos
E, com honras e coroas de mártir e emissário
Aportou num Dia Eterno

Lúlio foi apedrejado pelos muçulmanos de Túnis
E, com honras e coroas de mártir e emissário
Renasceu num Dia Eterno

Jan Huss ardeu na fogueira de Maria a Sanguinária
E, com honras e coroas de mártir e emissário

Triunfou num Dia Eterno

Bonhoeffer foi enforcado pelas mãos do Reich
E, com honras e coroas de mártir e emissário
Pisou num Dia Eterno

Jim Elliot foi atravessado pelas flechas dos Auca
E, com honras e coroas de mártir e emissário
Despertou num Dia Eterno

E você, do sofá,
Quando, onde e sob que honras e coroas
Espera despertar?

Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino

Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino

A dona Maria que ora pelos cristãos perseguidos de Myanmar enquanto está no ônibus, e vai quase sempre em pé de Nova Iguaçu à Barra da Tijuca

Seu Honório que, ainda recuperando-se dos prejuízos de um incêndio, destinou 15% do lucro deste mês de sua agência de carros para a construção de uma nova sala na base missionária em Moçambique

Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino

O pastor Ronaldson que, após relutar por duas décadas, hoje se rende ao chamado universal da igreja, e decidiu-se a preparar e enviar o primeiro casal missionário

Alessandra que tira xerox do informativo de missões de sua denominação e espalha entre os crentes de seu trabalho, na hora do almoço

Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino

O missionário José que, sob o sol argelino, após uma noite de crise desistiu de desistir, e segue agora para sua escolinha de futebol, onde ensina a nobre arte enquanto ora e fala com argúcia e suavidade sobre o amor de Cristo

Timothy, aluno destaque no MIT que neste momento está escrevendo novos padrões logarítmicos que facilitem ainda mais a tradução de textos por IAs
Timothy que luta contra a depressão e ama a tua palavra e quer vê-la traduzida para todas as línguas

Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino

O megapastor apostólico que do Brasil inaugurará uma sucursal de sua igreja neopentecostal em Berna, na Suíça, em bu$ca dos muitos brasileiros que lá habitam e pro$peram
Igreja que inadvertidamente salvará centenas de refugiados albaneses, afegãos e kosovares
Usa-o como usaste os corvos, o jumento e a mula ou outra qualquer besta do campo

Alexandre, adolescente cético que entrou na igreja atrás de uma namorada "bonita e direitinha" e agora, dependurado no pico da escada, coloca as bandeiras dos países para a Festa das Nações, pois naquela igreja conheceu e fez amizade com o Rei
Abençoe as aulas de bateria e a menina que o Senhor tem preparado para ele – revele-a logo, Senhor – e educa a ambos para as nações

Fortaleça, Senhor, toda a cadeia de expansão do teu Reino.

XXI: Missões Urbanas

– Nada mudou: É preciso atingi-los no coração.

– *Mas andam encapsulados, e já não são roupas,*

mas gadgets, o que vestem.

Como saber onde o coração fica?

– Há em cada um deles

uma tabuleta com os mesmos dizeres,

“NÃO SE APIEDE.

NÃO SE APROXIME.”

Se aproxime ao máximo, e dispare

com toda a piedade que puder arrancar do Pai.

Teólogos

Minha esposa não consegue sentir o perfume da acácia
Eu não consigo diferenciar a cor mostarda da cor jonquil

Mas ambos, com café e amor entre livros
que chegam por quinzena
Temos graves pretensões de compreender a Deus

Oração

Que eu encontre a graça de levantar-me quando outros tombarem
E dê a face ainda uma milha a mais contra a torrente de murros

Que eu sustenha a liça e a labuta quando outros recuarem
E tenha o amor, a água e o pão bastantes

Que eu vá ou envie aonde não conhecem Teu nome
E fique e finque e faça Tua obra, o abraço

Que minha pena console contra a morte e a açoite
E constranja para a vida e a reparta

Que eu cumpra o amigo e o profeta, o sacerdote e o asno
E o que me deres ser ou representar

Que eu escore e repare os muros, e os derrube
Onde for necessário

E que, ao Teu comando, eu possa tudo isso ao contrário

O argumento redentorista

Há segurança no absurdo, argumento
Contra sua cega navalha-toda-gumes:
Saber que o universo infinito,
Em evidências arquitetado
O foi em Cristo, por Cristo e para Cristo
– Essa mãe que tece & aríete que rompe
A tapeçaria do absurdo –
E jaz pelo sangue de Cristo mapeado.

Preto encarcerado, marido traído,
João-sem-terra, homem satisfeito:
Lá de cima, lá do acima da infinda vastitude
De dentro mesmo do cosmosilêncio retumbante
Seu amor nunca errará o teu endereço
Pois és dEle casa na dEle casa.
NEle vivemos, nos movemos e existimos:
Na sucessão de Seu "Haja luz" rolam
Teus dias, tuas dores e teu inescapável sentido.

Calêndula

Vige a aurora. Mas, mesmo treva tenebrosa,
Em Deus estou calêndula, brisa forrageira,
Agrimensor dos hiperfúndios de Sua glória.

O Monte de Várzea

"Ele apascenta suas ovelhas entre os lírios."

Cantares 2.1b

O balouçar das sombras das copas
das árvores no solo cru,
a leitura de tua palavra cá e ali e além,
feito um rumorejante cântico,
o cordato trânsito dos que te amam:
como é aprazível o monte do Senhor!

As lágrimas deste povo, como
intumescem tuas veredas, como
fazem luminosos os lírios do deserto!

A escuridão ruge – e ruge de temor

O coração do deserto
guarda um segredo:
da chuva o valor perfeito, exato,
provado ao fogo e em ouro sopesado.

O coração da escuridão
um segredo também resguarda,
um que ela prefere olvidar:
o temor perfeito, exato, ó peregrino,
da luz.

Desta tua pequenina luz.
Essa mesma, bruxuleante,
que mal ilumina um palmo adiante
de tua face.

Ouve!, atenta aos quatro ventos, atenta ao *rugir*:
não é a escuridão que urra, furibunda?
Ide à escuridão, ó menor dos homens,
Fagulha de Cristo, ide silenciá-la
e fazei discípulos das nações que ela obscureceu.

Frutos do Espírito

"Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio." Gálatas 5:22

Santo Espírito, vivaz hortelão
Plante em meu coração o Amor,
Árvore capital, cujos frutos
O mundo os tenha, reminiscências
E alimento do Paraíso

Espírito de Santa Alegria,
Que eu seja criança brincando na chuva
Domesticando o caos
Tirando para a dança da vida
O soturno, o deprimido e o contrito

Santo Espírito, Pacificador alado
Dinamite minha fúria, negação do céu
E que minhas palavras sejam
Um repouso para homens e feras
Conduza-me ao milagre crístico:
Que Minha *passividade* pacífica
Seja *atividade* pacificadora

Paráclito que funda e opera o kairós
Que a paciência seja meu burrico,
Meu humilde transporte para tudo
Em todos, todos em tudo
De promessa em promessa, sustentando
A marcha e a semeadura até a parusia

Espírito Santo, de coercitiva candura
Que meu semblante seja Tua carta
Que minha amabilidade e benignidade
Sobejem abraços e meu gesto seja um jardim
De delícias e socorro das nações

Espírito do Único Bom, que está nos céus
E se revelou em carne e ponte no pó
Potencialize minhas misericórdias
Para enveredar pelo teu caminho, pontífice
Em cumprimento às boas obras que me
Preparaste, lá dantes do parto de tudo

Espírito Fidedigno e Santo
Que a escuridão e suas alcovas
O tríplice cantar do galo e suas tentações
O púlpito a presidência a autoridade e seu
Perfume carregado
Não me encontrem traidor

Espírito assaz Longânimo
Me torne regaço: riacho doce, paciente
Lento e rutilante de frescor contra as ofensas
E falhas do outro ou do espelho, as lonjuras
Do esperar o parto das justiças e promessas.

Fortaleza Pantokrator, que eu domine
As muitas chamas que me ardem
De covardia e lascívia e espírito de vingança
E suporte impávido a chuva de pedras,
Desprezos e acusações
Que a outra face esteja a cada manhã renovada
E que em cada câmbio com a desonestidade
Dos homens eu entregue amor

Espírito Doador, dai-me luzes
Para que eu destrua as trevas
Ou lhes dê um sentido

Sociedade Anônima

Dispersos
Mas
Justapostos
Como
Colunas
Células
Lírios pardais tijolos
De
Barro
Da
Mesopotâmia

Iridescentes bandeiras
Braços de toda ordem
Cor e alcance
Suspendendo os fragilizados
E apontando-lhes o caminho

Autóctones
Anônimos
Chuva serôdia
Arautos da Excelente Nova
Articulados pelo Espírito Santo

Irmandade a mais audaciosa
Pronta a cumprir ou subverter
As leis dos homens, do cosmo
Comissionados de uma
Sociedade Anônima
Traficando maná,
Contrabandeando apólices
De vida eterna

Paladinos, maltrapilhos, profetas
Na Grande Comissão indexados
Desterrados na fragilidade e sua práxis
Encastelados contra o terror e suas matilhas
Inquilinos de Deus locatários de Deus
Varandas para o Espírito, sinalizadores
Ardendo nos ares lares veredas
De uma terra caída contra a qual conspiram
Sem nomes em nome do Nome

O MENINO

Fliperama

Era alcova acoitada
Contra o marasmo do dia

Reversa suburbana cave
De Prozac, de Platão

Nau naufragada
Em suor e eletrotecnia

Barulhenta Nárnia
Que perdemos

Doze Anos

Doze anos, ruas de chão
Doze anos, Rede Manchete, doze
Doze anos, doze cavaleiros daquela Távola,
Do zodíaco de tokusatsus
Doze anos, doze apóstolos, doze
Anos, proteger todos que amamos

Doze, doze anos, ruas de chão
Arlequins da masculinidade lúdica,
Intravestível, porteiros de Esparta
Cães hábeis em esconder a lágrima

Doze anos, doze, ruas de chão
Senhores do vasto reino que vai
Até aquel'outra esquina, espadas
De pau, cabos de vassoura,
Celebração peralta, hieronautas
Prontos pois paridos pra salvar o mundo

Doze, doze anos, e lá se vão trinta anos

Treze Anos

Claro que ele não sabia o que estava fazendo.
Tinha treze anos, idade de ter tempo e não saber.
Matutou por dois meses, século para um garoto.
Na mochila, as ferramentas do pai,
Wilson, bombeiro hidráulico.
O movimento cai pelas quatorze horas.
Arrebentou os cadeados, devagar, um a um.
Teve certo tirocínio: partia os cadeados
E os deixava na mesma posição.
Assim, ao terminar, voltou por onde viera.
Mas agora corria,
Soltando os trambolhos das correntes e
Arregaçando as portas e portinholas,
Rápido feito quati, gato-maracajá.
Foi barafunda, pândega, estardalhaço.
A grita de bípedes e quadrúpedes e aves e avoados
Se imiscuiu, multitudinária.
No exultar não hesitou, sensação jamais vivida.

"Eu falei que iria libertar todos vocês",
Pensou, sem ar, enquanto o peso
Dos joelhos do guarda lhe esmagava a
Carne preta no chão daquele zoológico.

Quartinho de Ferramentas

Um depósito de entulhos & bagulhos

(A insuspeita extensão dum homem)

Um livro

Um dia de folga

A felicidade

Mel tirado à carcaça dum leão

Não custa um real

Ser homem não sabe o cão

Ser homem não sabe o cão
É fingir filiação a Esparta
E administrar, na mais farta
E inescrupulosa solidão

O que no fundo cabe:
Entre ubuntu e torpeza
Rudez e tanta fraqueza,
Cuidar que lágrima não desabe

É estabilizar as velas
Farolizar aos afogados
Mesmo se afogando quieto

Comboiar as caravelas
Ser refúgio a desterrados
Servir o vinho sorver o cianeto

Ser homem é considerar a maciez de toda carne humana, mas isso não se confessa

Foi numa sexta-feira carregada.

Do outro lado da porta giratória girei e estaquei,

Fuças langues no vidro temperado, dando uma boa manjada

No guarda daquele banco que me negou o consignado.

Bati um pouco de boca lá com o gerente, tudo bem,

Cliente há doze anos!, O guarda me pegou

E conduziu para fora, embalado nos trapos da truculência.

Balouçando sob uma mangueira imaginária (praça de meus dias ruins),

De sólido abismo abaixo, olhei aquele meu próximo

Com os olhos de Caim, e pequei. Pequei

Ao aventar uma minha antiga imaginação ou tirocínio,

Fetiche com que diminuo os homens até o ponto de equilíbrio.

Aquele guarda sangra. Quase tão bem quanto o gerente, ou dá empate. São homens, afinal. E no início também. Não que eu vá fazer nada, que quando o medo não me impede a

fé me manieta. E minha mãe me pariu pra civil, e educou com esmero de matuta mineira.

Mas eles têm toda a cara, aquela cara bolachuda, de que sangram.

Os oito marginais que tomaram teu bairro

(Tudo bem, sempre foi deles, estavam por aí,

Potências negativas na bolsa escrotal de seus pais, moradores de bem)

Trastes que vão do miliciano ao traficante

Passando pelo sociólogo e o ladrão de bicicletas

Todos sangram.

Donald Trump, os ninjas, o carteiro e o Papa Francisco, coitado, prestes a morrer

Sangram sangram sangram e sangram, dançarinos vermelhos,

Carnes doces feito a minha e a tua, essas esponjas-de-furar.

O grande professor de jiu-jitsu de teu filho (o herói dele não é você?)

O policial marrudo teu vizinho de carros alemães na garagem armas austríacas no armário

As gordas faladoras ou anoxéricas botoxicômanas que armam

Barraco no ônibus Caxias-Central ou no voo da Emirates

Elas e os demais eleitores que confiam na sorte, no gênero, na dura e etérea (mas exangue) lei

Sangram, santas, safadas, safades

Rubras como o cara mais valente na pancadaria

Que já vi, num baile funk em 1997 onde entrei de penetra,

Passarinho aloprado por morcegos:

Ele abriu uma clareira no meio de oito, e lhes ensinou

Lá uma boa lição. Oito. Mas ele sangrava, e ele sangrou.

Saio pelas ruas contentado-emporcalhado nesta sombria certeza, olhando dissimulado nos olhos do ditador, do ministro, do ladrão, do fiscal de posturas e até, quando ele não está olhando de volta, do miliciano e suposto assassino serial que é segurança lá na padaria do Jofre, e que passa os dias sentado, bebericando café e encarando os homens com um baita de um olhar mortiço:

Todos sangram, e sem cura. Todos têm uma carne macia

Da tessitura exata da minha.

Sei que sou uma besta palraz, mas esse tipo de pensamento

Tem dias meio que me desembesta, me alavanca.

Também me causa aos domingos engulhos, vergonha desse meu pecado grosseiro,

Ou um enjoo adocicado, déjà vu do que nunca vi

(Podridão que meus genes regurgitam?),

Quando adentro o açougue do Mauro

Eu precisava contar isso no papel, e me livrar de alguns quilos de sua cangalha, jogá-la um pouco em outras costas feito a tua, meu virtuoso leitor. Compartilhar miséria é terapia, e eu só tenho dinheiro pra papel. E no fundo no fundo, abaixo do tapete das ações e reações e das cláusulas do contrato social, todos sabemos de nossa blandícia.

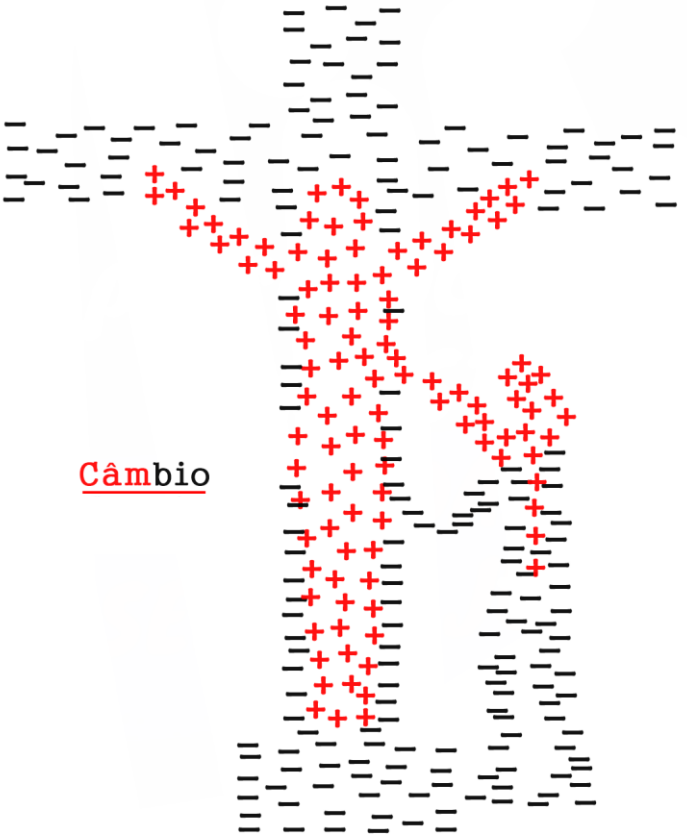
Viva em paz, mas saiba que toda guerra

É feita por gente macia.

Gente macia

É a única gente que existe.

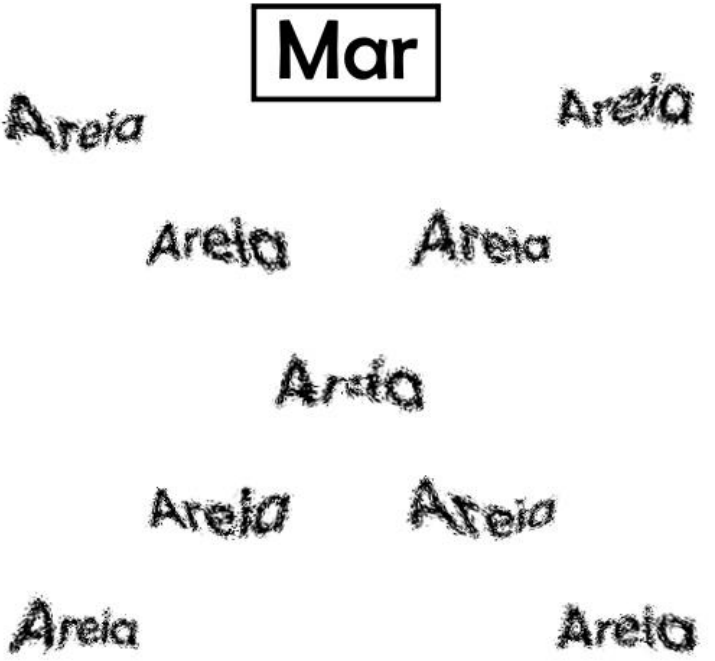
EXPERIESSÊNCIAS


Câmbio

Jesus

Não coube

Sammis Reachers


Mar
Areia
Areia
Areia
Areia
Areia
Areia
Areia
Areia

Um veneno
Coito do eufórico e do disfórico
Arte de densificar o impalatável
Caos que caos namora
Liberdade de ninguém
Ditadura sígnica:
Um poema

Um quase koan

Tik tak tik tak tik trash trash trash

Um gole de champagne supernova nos céus

22°C 6h34 agradecemos sua preferência

Um cartaz onde luz escrito: LAVAMOS LUZES

Poema que ao toque se dissipa

Os 92 tomos do Atlas das Coisas Indizíveis,

Somos o volume de nossa farsa,

De Luther Blissett

As vinte e sete luas de Urano

Seis mil googolplex de pétalas feridas

Desalegorias, atos gratulantes

Desovadas de helicópteros Chinooks Apaches Sioux Kiowas Choctaws Mojaves Cayus

Ideários vendidos em garrafas, um beijo de fiança

Creeks Comanches

Um amanhã que venha até aqui, pedir desculpas

Na véspera do parto dos Inícios Para Mais Atrás

Uma fada ferida de terrenidade, desfadada

A fase de Castlevania: Order of Eclesia quando

Onde os oceanos acabam (aquacabam)

Shanoa chega a um farol, e rouba a sua luz

na nihilicelebração acachapante, núcleo de nadificação

A morte do barqueiro queer a secura queer o oceano queer

Lá na nihilicelebração acachapante, núcleo de nadificação

Shanoa chega a um farol, e rouba a sua luz

Onde os oceanos acabam (aquacabam)

A fase de Castlevania: Order of Eclesia quando

Uma fada ferida de terrenidade, desfadada

Na véspera do parto dos Inícios Para Mais Atrás

Um amanhã que venha até aqui, pedir desculpas

Choctaws Mojaves Cayuses Creeks Comanches

Ideários vendidos em garrafas, um beijo de fiança

Desalegorias, atos gratulantes

Seis mil googolplex de pétalas feridas

As vinte e sete luas de Urano

De Luther Blissett

Somos o volume de nossa farsa,

Os 92 tomos do Atlas das Coisas Indizíveis,

Poema que ao toque se dissipa

Um cartaz onde luz escrito: LAVAMOS LUZES

22°C 6h34 agradecemos sua preferência

Um gole de champagne supernova nos céus

Tik tak tik tak tik trash trash trash

gargântua hermética

[SIC]

poema, desídia da prosa – ou sua magnificação
paz campinarana ou lobo estoico,
que navega o [seu] destino

o poema exaspera onivoria
a tudo destroça e transfaz em seu festim vestal

é topo elipse, elipsóide, elipsiano feito um Olissipo:
Ulisses r u m an do
de
si
si
a
de
mar si
no

O Deus da paz

É Deus na crise

Deus apesar da crise

Deus sobre a crise

Deus da crise

Deus após a crise

O Deus da paz

ondas ondulando sobre ondas

pontes se espraiando sobre pontes

horizontes sobrescalando horizontes

DO AMOR

Em 2018 publiquei o pequeno e-book *Poemas de Amor em Trânsito*, reunindo poemas dele, o amor, para minha então namorada e logo esposa. O fio que os unia era tecido pela forma de parto: Poemas espontâneos, não trabalhados no sentido de maturação e do remendo, comum ou natural a tantos poemas. Eram nascidos do momento, geralmente escritos assim que nos despedíamos de nossos encontros, ou enquanto estávamos mesmo juntos. Muitos escritos dentro de ônibus.

Claro, tal espírito de fruição espontânea persistiu após nosso casamento, e aqui entram alguns desses *poemas de amor* que não tiveram tempo de habitar o livro referido.

Asal

Um dirige a nau e mantém em ordem a proa,
Outro, da popa, golpeia os mares com seus remos
E casados navegamos,
Asa e asa de um só pássaro,

Em ensolaradas praias d'obscuras ilhas
Aportamos, e se ficamos, fincamos
Quatro raízes de um mesmo tronco,
Asas num asal, ponteiros de A Cruz,
Múltiplos pares de um.

Aleteia

Quando você chora
São pedaços de mim, tão fortes,
Que se liquefazem
Mas basta sorrir, *aleteia*, verdade manifesta,
E o arco de luz sob meus pés se solidifica

Seu sorriso, e sua arma secreta
O sorriso dos sorrisos, a quintessência,
Seu sorriso quando tenta falar e sorrir
Ao mesmo tempo, e não sabe o que fazer, e
Fala e riso se interpenetram, fanhos, doces,
Ar a perder o ar, eclipse do verbo
e hiato do fôlego
Arco em minha íris, corda a que me agarro
Para curar meus mundos.

Em seus amassos

Em seus amassos
calo meus fracassos
recarrego meus ossos
reafirmo meus passos

meus são seus sucessos
pois ajo sob seus endossos
cúmplices a Deus professos
enamorados e mui travessos

Permanência

Mar de limpidez azul inebriante
Fragilidade dispersiva, coração
Sempre bem disposto
Companheira de meus sorrisos,
Ou é aos teus que acompanho?
Meu imperativo moral usa saias
E destila sermões
E, em sua brisa ou sua fúria,
Me transmite Paz
Enquanto ululam os tiros
Paz
Enquanto o mundo lá fora
Range, ruge, resfolega

Paz
Em cada capítulo.

A esperança que amo

Esperança, tenho dúvidas

Não de você, céu de acessos

Dúvida de meus processos e fraquezas

Medos lentos que se acumulam, na biblioteca dos dias,

Onde acumulo os cargos de falsário e pior dos escritores

Esperança, céu pequeno que anda

Ventos ventam volitivos

Em dores que rimam fáceis

Esparramando os mares, e peixes baços como eu andam secos

Prontos pra coisa nenhuma

Santos esculpidos em barro que se quebra, que se enfrenta

Mas você esperança, espinhal de sorrisos, carnaval da paz despudorada

Você salvou um afogado.

Fairy Tail

Estar vivo é estar alimentado de
seu sorriso, & a ele sempre associado
para o que vier da vida, mergulhados
em livros, gatos e beijos, exatas metades
de um círculo perfeito, anel traçado pelo devir
nas areias do tempo, diadema nas mãos
daquele Rei.

12/06/21

Hiatitude

Seu sorriso, inconsútil capuz

Sobreposto ao Tempo

Mascara sua calma/tétrica passagem

Imagine, um sorriso capaz

De fundar uma dimensão, uma bolha,

Um hiato no entulho das coisas!

Inebriada coletânea de auroras,

Avatar

dos

rosáceos

lábios

de

dilacerar

O cinza das horas, a anarquia dos topônimos

E expor, fraturada rosa, o melhor de mim

Índigos

Âncora consubstanciada pelo longo (a)braço
Do índigo Deus dos indigentes
Celebração da ponte, resgate da vila incendiada
Sorridente soteriológico fôlego,
Âmago, sustentáculo, palco
Onde a paz faz festins
Jasmin e gardênia, rosa de Lutero
Em minha lapela, morena capela,
Oração viva, doce musa lar & tempestade
Amarrados estamos no fluxo da Missão
Atados em cada ato, unânimes, braços quatro
Do índigo Deus comissionados

19/05/2019

Meu amor é o curso de um rio

Paz de poder esparramar-me pela foz
Misturar meu dia de soturno
Estresse aos seus sorrisos,
Diluir-me, aluado
Enamorado
Neste seu oceano crístico, cristalino

Minha esposa, meu amor de culminância
Que demorou meia vida, quatro ciclos
Para acontecer, socorrer-me
Quando prestes a desfruir.

Meu amor é o curso de um rio
Que corre, frágil & audaz
Pelas margens dos dias contumazes
Para desaguar em sua paz
De oceano, depositária
De minhas ternuras, desfazedora
De minhas chagas.

05/03/2022

No Dia Mundial dos Gatos

Gatos quatro chegados
em colo farto
e foram cinco gatos
no belo quarto
de nosso amor

"*Meu amor, nosso amor, de cartas*
claras sobre a mesa"
nosso mundo e sua nomenclatura singela
– pétalas, ternas cartas do livro-em-aberto
que é a vida, e nossa construção
da vida, e nosso amor e gatos
quatro, e sinfonia de mios & miados
& felpudices & fanfarras, alegrias &
algazarras, cumplicidade
tão crua e tão clara, construção
diária de uma exarada felicidade
que contra toda a desconstrução
nos sara.

Solaris

Sabatina de minhas neuras
mestre-cuca, mestre-cura, mestra mia

pequena lâmpada de ágape
incensário de orégano & lavanda

bate-estaca de curiosidades
trânsfuga aluna de rabinos
posta em minha casa protestante
pelo Deus das circunferências

a quem aprouve consorciar
o noturno gênero Felis
com o diurno Canis

Inocência, ente-âncora
linha de prumo
de meu coração flagelado

meu amor, nosso amor
estava mesmo escrito nas estrelas

Autor

O fluminense Sammis Reachers (Niterói, 1978) é autor de doze livros de poesia, cinco de contos/crônicas e um romance. Como editor e antologista, já organizou mais de 50 obras. É professor de Geografia e de História, além de bibliotecário.

Textos, notícias, livros e *e-books* (a maioria, gratuitos) do autor:

https://linktr.ee/sreachers

O verso força e aplaina seu caminho, escolhe seu momento, gerencia seu parto. Se nunca disseram, vai aqui: um poema não precisa de ninguém, malgrado a vaidade passional de seus fantoches. Bem, pelo menos desta espécie são os versos que formam este livro. Primeiressências, décimo-primeiro livro de poesia de Sammis Reachers, é como uma feira de domingo, com bananas e morangos, grãos e temperos, miúdos de porco e roupas de crochê.

ISBN: 978-65-01-43727-9